

**ENTRE PERMANECER OU EVADIR:  
ESTUDO ACERCA DAS (DES)MOBILIZAÇÕES E DO (RE)DESENHO DOS  
MODOS DE VIDA DA JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA A PARTIR DO  
ISOLAMENTO SOCIAL PROVOCADO PELA PANDEMIA COVID-19 <sup>1</sup>**

Maria Isabel Silva Bezerra Linhares (UVA-CE\_BRASIL)

Heline Maria Sousa de Carvalho (UVA-CE-BRASIL)

Tamiris dos Santos Justo (UVA-CE-BRASIL)

Renara Alves Ferreira Gomes (UVA-CE-BRASIL)

**RESUMO**

Este estudo se propõe abordar as vivências e táticas da juventude universitária, no sentido de compreender o que (des)mobiliza seus modos de vida e/ou afeta e a desliga da vida universitária, observando como esses jovens atualizam formas de resistência ou se “perdem” em seus percursos, cujos trajetos, previamente traçados, estão sob ameaça nesse longo período de isolamento social provocado pela pandemia do COVID-19. Nesse sentido, busca-se conhecer quais táticas são utilizadas pelos jovens da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), na construção de condições para produzir a vida em tempos de pandemia, identificando implicações econômicas, sócio/culturais e políticas nos modos de ser e resistir, bem como o que os (des)mobiliza nesse novo cenário. O estudo emerge diante de resultados preliminares da pesquisa “Cartografias dos Afetos Juvenis: reinvenções dos sentidos do ser e viver em tempos de isolamento social” (2021). Referida pesquisa revelou que esse período interferiu negativamente no bem-estar dos(as) discentes, os(as) quais relatam sintomas como falta de concentração, medos, apatia e ansiedade, sendo esta última a mais citada. Estar afetado emocionalmente, trouxe várias implicações para a vida acadêmica e a relação com a universidade foi prejudicada, visto que muitos não tiveram condições para executar suas atividades. Ratificando a relevância da escuta das falas da juventude universitária, no sentido de compreender seus anseios, dilemas e modos de existir e resistir, propõe-se realizar essa escuta a partir de um viés metodológico (auto)biográfico, recorrendo a técnica da colcha de retalhos e produção de narrativas visuais. Para isso, realizar-se-á rodas de conversas e entrevistas narrativas, em ambiente virtual e/ou presencial, com discentes de diversos cursos da UVA, em um movimento de escuta atenta para o que dizem, de modo a identificar os elementos que mobilizam ou desligam essa juventude, no que diz respeito ao enfrentamento das questões da permanência na Universidade, no período de pandemia e pós-pandemia. Também será fundamental um levantamento de dados sobre o perfil dessa juventude universitária, sobre ingresso, permanência e/ou abandono, dando especial atenção aos últimos três anos (2020-2022). O estudo em pauta ganha relevância ao considerar que a questão da permanência universitária já anunciava fios de esgarçamento, mesmo antes da pandemia, agora agravada por outros fatores e condicionantes.

**Palavras-chave:** Juventude universitária. Educação Superior. Evasão.

---

1 “Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.”

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo se propôs compreender o que (des)mobiliza os discentes da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), tomando como referência o período de isolamento social ocasionado pela pandemia a COVID-19, a partir de março de 2020. Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa e caráter exploratório, e teve como objetivo geral levantar as principais manifestações emocionais que afetaram seus modos de vida. Nesta perspectiva, busca-se conhecer quais sentidos atribuem às suas emoções e como qualificam seus afetos, considerando o período de março de 2020 a março de 2022, o qual demarca o início do isolamento social, com o ensino remoto emergencial (ERE) e o retorno ao ensino presencial.

A partir setembro de 2020, já durante a pandemia, começamos a trabalhar com as subjetividades juvenis, em que desenvolvemos o projeto *Juventudes e Subjetividades: Expressividades e Reinvenções de si por meio de Escrituras Autobiográficas*, que foi desenvolvido com o intuito de perceber e compreender como os jovens universitários de nossa Universidade estavam construindo suas narrativas cotidianas e como estavam se reinventando diante desse período tão turbulento que foi e está sendo a pandemia do COVID-19.

Com a finalização desse projeto em agosto de 2021, começamos a desenvolver em setembro de 2021 o projeto *Cartografias dos Afetos Juvenis: Reinvenções dos Sentidos do ser e viver em tempos de Isolamento Social*, tomando como apoio os dados obtidos pelo projeto anterior, em que a maioria dos jovens afirmaram que foram afetados negativamente pela pandemia e que muitos adquiriram transtornos, como a ansiedade. Esse estudo estamos desempenhando atualmente e está sendo desenvolvido com a finalidade de compreender os sentidos que os jovens universitários, da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), atribuem aos seus sentimentos (esperanças, medos, amor, adoecimento, morte e vida, entre outros), nesse contexto de pandemia (COVID-19).

No decorrer das pesquisas citadas, algumas questões nos chamaram atenção, sobretudo acerca dos medos, as fobias e os transtornos adquiridos pelos jovens universitários durante o período de isolamento social, o surgimento de queixas de ansiedade, em cujas queixas produziram narrativas dos impactos dessas “crises” na vida universitária e nas relações domésticas. Tais questões nos conduziram a problematizar os impactos da pandemia na vida de jovens universitários(as), cujas experiências revelam desde ter seus

estudos descontinuados, até o surgimento de sintomas de ansiedade, entre outras manifestações as quais desmobilizam os cursos de suas vidas, na perspectiva do que compreendem como “normal”.

Portanto, as questões principais que nortearam esse estudo dizem respeito ao levantamento das principais manifestações emocionais que afetaram os modos de vida dos estudantes da UVA e compreender os impactos na vida estudantil; observar comportamentos e as mudanças ocorridas, no período de retorno ao ensino presencial.

Para tal, as reflexões decorrentes das análises foram guiadas a partir do estudo de alguns autores, como: Pais (1996), Dayrell e Carrano (2003), Novaes (2006), Zago (2013), Linhares (2013), Sousa (2021), dentre outros.

Desse modo, organizamos este artigo em três seções, além deste texto introdutório e das considerações finais. Na segunda seção, apresentamos um panorama da juventude universitária da UVA, sobre a condição socioafetiva no isolamento social. Na terceira seção, apresentamos, a partir dos dados coletados na PROGRAD, bem como através dos relatos dos discentes e docentes, as condições para permanência na Universidade, bem como os impactos causados pela pandemia, através das narrativas tecidas na colcha de retalhos.

## **2 JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM PANORAMA GERAL SOBRE A CONDIÇÃO SOCIOAFETIVA NO ISOLAMENTO SOCIAL**

A Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) é uma instituição pública localizada na cidade de Sobral-CE e que há mais de 60 anos vem formando profissionais para a nossa região.

A entidade possui quatro (4) campi e oferece diversos cursos de graduação, sendo eles: Administração, Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Ciências da Computação, Ciências Sociais, Direito, Educação Física, Enfermagem, Engenharia Civil, Filosofia, Física, Geografia, História, Letras, Matemática, Pedagogia, Química, Tecnologia em Construção de Edifícios e Zootecnia.

Para abordar os discentes da UVA, é preciso considerar o perfil desses jovens universitários. De acordo com dados do Perfil socioeconômico dos alunos regularmente matriculados na Universidade Estadual Vale do Acaraú no semestre 2021.1 (PROGRAD, 2021), o público feminino na instituição é composto por 51.53% e o público masculino é constituído por 48.47 %. Aproximadamente 84,1% dos acadêmicos são jovens com

faixa etária de 17 a 29 anos, 45,08% dos estudantes não possuem nenhum tipo de renda mensal, ou seja, são sustentados pelos familiares. Além disso, 62,70% utilizam transporte coletivo (ônibus, tópic, etc.) para se deslocar até a universidade.

É importante evidenciar que os acadêmicos da UVA, em sua maioria, residem fora de Sobral, passam por dificuldades diariamente para chegar à universidade, fazem “biscates” ou participam de programas de bolsa universitária para o sustento financeiro e conseguir permanecer na instituição de educação superior. É uma juventude periférica, no sentido de que grande parte são de cidades localizadas na região noroeste do Estado do Ceará e no entorno da região metropolitana de Sobral.

Carvalho (2022), ao citar Novaes (2006), entende que todos esses aspectos devem ser considerados ao pensar o perfil da juventude universitária da UVA, bem como afirma a autora:

Contudo, todos esses aspectos até aqui citados ainda não esgotam o diferenciado mosaico que podemos chamar de "juventude brasileira". As chamadas disparidades regionais e as relações entre o campo e a cidade devem ser consideradas em um necessário diagnóstico. Isto é, as diferenças (com seus efeitos positivos ou negativos) entre regiões do país, entre ser jovem no campo ou na cidade, e mesmo as diferenças entre cidades grandes e pequenas devem ser levadas em conta para caracterizar matizes da condição juvenil. Certamente as particularidades locais podem atenuar ou acentuar algum dos vários vetores que produzem e/ou reproduzem desigualdades sociais (NOVAES, 2006, p.1)

No ano de 2020, primeiro ano da pandemia da COVID-19, a Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), por meio da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PROGRAD), realizou uma pesquisa através de um questionário eletrônico, a qual foi aplicada no período de 11 a 20 de junho do referido ano, tendo como público-alvo os acadêmicos da instituição. O questionário, que foi respondido por três mil e oitocentos e trinta (3.830) estudantes, representando 55,22% dos alunos regularmente matriculados no semestre 2020.1, divulgou informações importantes sobre o estado emocional em que os(as) acadêmicos(as) se encontravam, tomando como base o período de isolamento social provocada pela COVID-19.

Em conformidade com as manifestações dos(as) universitários(as) sobre como estavam se sentindo durante o período pandêmico, observou-se os seguintes dados: (32,40%) dos universitários estavam se sentindo ansiosos, (22,79%) afirmaram estar desanimados, (17,55%) estavam se sentindo tranquilos, (13%) encontravam-se estressados, (8,30%) mantinham-se confiantes e (5,95%) apresentavam sintomas de pânico. Vale ressaltar, que a quase 50% dos(as) discentes não responderam ao questionário, cu-

jos motivos não foram analisados, mas pressupõe-se, para além dos impactos emocionais, as limitações de acesso às tecnologias digitais e suas redes.

Os dados apontam elementos importantes para serem discutidos na Universidade, não somente como uma preocupação a mais, mas para se pensar políticas inclusivas e de permanência universitária. Também sugerem abrir canais de diálogo entre discentes e a Universidade: suas subjetividades, modos de vida e suas relações sociais, ensino-aprendizagem, as condições necessárias para estar incluídos em todos os processos formativos.

Diante desses dados, percebe-se as reais circunstâncias em que os(as) discentes da UVA estavam inseridas nesse período, de modo que a maioria estava demonstrando sintomas de ansiedade e desânimo, sintomas esses que foram decorrentes da pressão e desgaste emocional que a pandemia lhes causou.

Além dos dados importantes obtidos com a realização dessa pesquisa pela Universidade, no início de 2022, precedendo o retorno das aulas presenciais, em março de 2022, e buscando compreender quais as reais condições físicas, emocionais e financeiras dos estudantes da instituição, Linhares e Carvalho (2022) organizaram uma enquete que foi amplamente divulgada via Instagram do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Culturas Juvenis (GEPECJU) e Instagram do curso de Pedagogia da UVA, para sondar as reais condições de discentes sobre a volta do ensino presencial, que se daria posteriormente, tomando como referência as perspectivas dos próprios acadêmicos.

A realização da enquete ocorreu entre os dias 09 e 13 de fevereiro do referido ano, sendo constituído pelos seguintes questionamentos: 1) Como está sua disposição para o retorno presencial? 2) Caso tenha algum obstáculo com relação ao retorno presencial, marque a opção que mais reflete a sua situação (trabalho, medo de adoecer, situação econômica, outras).

Durante o período de divulgação da enquete, setecentos e dez (710) acadêmicos(as), dos mais variados cursos da universidade a responderam. No tocante à disposição ao retorno presencial, quatrocentos e dezessete (417) dos participantes afirmaram que estavam se sentindo dispostos/animados e duzentos e noventa e três (293) dos participantes declararam que estavam se sentindo indispostos/desanimados para a volta das aulas presenciais.

No que diz respeito aos obstáculos existentes ao retorno presencial, duzentos e setenta (270) disseram que estavam trabalhando, duzentos e vinte e quatro (224) que tinham medo de adoecer (contrair COVID), cento e oito (108) que não possuíam

condições financeiras para se manter em Sobral. Além destes, foram citados outras adversidades, como: instabilidade no transporte; ônibus lotado; gravidez: tiveram filhos nesse período; serem de grupo de risco (hipertensão e doença cardíaca) e têm medo de se contaminar; viagem longa, fome e aglomeração no *campus* a espera do ônibus universitário; medo de adoecer e sem condições financeiras; falta de bolsa para auxiliar nos gastos para locomoção e alimentação; sem condições de pagar transporte no momento.

Assim, percebe-se o quanto a pandemia afetou negativamente a vida dos universitários da UVA, levando-se em consideração que duzentos e noventa e três (293) universitários afirmaram que estavam indispostos para o retorno presencial. Ademais, mais de cem (100) pessoas responderam que não possuíam condições financeiras para se manter em Sobral, sem falar nos inúmeros outros obstáculos citados, que influenciariam a volta desses alunos e a permanência (ou não), deles na Universidade.

Além disso, por meio das questões levantadas com essas duas pesquisas, observa-se a necessidade de repensar as juventudes que fazem a universidade, de modo a refletir sobre os principais medos, anseios e perspectivas que elas apresentam, considerando os fenômenos sociais existentes e o agravamento desses medos por causa do período pandêmico e como essas situações vêm implicando na condição de ser jovem desses jovens.

### **3 CONDIÇÕES PARA PERMANÊNCIA NA UNIVERSIDADE E OS IMPACTOS CAUSADOS PELA PANDEMIA: TRAJETÓRIAS ESTUDANTIS E VIDAS EM SUSPENSE**

Nesta seção buscamos compreender e refletir acerca dos modos de vida dos universitários a partir das escutas de jovens acadêmicos da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), que enfrentaram o ensino remoto emergencial (ERE) durante o período pandêmico.

A partir de uma variedade de relatos, que emergem de diferentes realidades, por meio de representantes de um conjunto de discentes da UVA, relatos que revelam o modo como estes acadêmicos atravessaram a período de isolamento social e como se sentiram afetados por esta condição, bem como veem resistindo e quais estratégias (re)criam uma forma de viver e conduzir suas trajetórias de vida.

Durante a pesquisa identificamos alguns agravantes, em relação aos índices de evasão e abandono na universidade, que acarretou numa diminuição de estudantes por

curso, sendo alguns cursos mais afetados que os outros, daí recorremos à análise de documentos, através da Pró-reitoria de Ensino e Graduação (PROGRAD). Os dados foram obtidos do sistema da UVA – uvanet.br, que apresenta um mapeamento de ingressantes, abandono e concluintes, em períodos semestrais/anuais.

A tabela abaixo sintetiza dados importantes referentes ao número de ingressantes, concluintes, abandono, trancamento e desistência, referente ao período 2018-2021.

**Tabela 1 – Dados referentes aos semestres 2018 a 2021 – UVA**

<b>PERÍODO</b>	<b>INGRESSANTES</b>	<b>CONCLUINTE S</b>	<b>COM TRANCAMEN TO</b>	<b>ABANDON O</b>	<b>DESISTENTE S</b>
2018.1	756	446	1034	691	87
2018.2	796	445	1340	425	120
2019.1	704	410	1473	471	114
2019.2	744	431	1308	387	87
2020.1	796	351	1955	341	88
2020.2	538	284	1680	1054	57
2021.1	30	292	1266	501	22

**Fonte:** PROGRAD-UVA, 2022.

Para subsidiar a análise desses dados, recorremos as narrativas autobiográficas, com o objetivo de traçar os perfis dos discentes, bem como compreender quais os fenômenos que tem causado este esvaziamento/abandono, na tentativa de compreender os sentidos atribuídos ao que aqui estamos chamando de (des)mobilizações. Situações

que vem ocorrendo em alguns cursos, e temos observado esse fenômeno, a partir de relatos de alguns discentes do Curso de Pedagogia, sendo este um dos mais afetados.

Para escuta dessas narrativas, elegemos a metodologia da “colcha de retalhos”, como recurso investigativo a fim de colher esses relatos e assim conhecer as diversas percepções acerca desse fenômeno, cuja proposta metodológica será tratada na seção seguinte. Partimos, então de uma indagação básica sobre os rumos que têm tomado essas pessoas e do ser universitário a partir do período pandêmico: o que mudou? Como foram afetados? Quais táticas e estratégias constituíram para seguir a jornada?

Ao longo da pesquisa, nos deparamos frequentemente com queixas de sintomas de ansiedade e esse foi um dos relatos mais recorrentes. Podemos inferir que o medo instaurado pelo risco de pegar COVID-19, ou perder algum familiar por conta da doença, e até mesmo a perda de alguém próximo, esteja diretamente ligado a este fenômeno, o adoecimento mental tem sido uma das principais causas da exaustão e da apatia tanto de discentes quanto de profissionais docentes segundo os relatos que obtivemos através das pesquisas.

### **3.1 A COLCHA DE RETALHOS, COMO UMA TÉCNICA PEDAGÓGICA DE DIÁLOGO E CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS**

A Colcha de retalhos é uma metodologia dentro da abordagem (Auto)Biográfica, que traz como proposta conceitos de autonomia e emancipação. A partir das nossas produções de retalhos, podemos nos expressar, falar de memórias, angústias, questões importantes em que em outros momentos não foi falado ou não puderam ser ditos, com o objetivo de unir histórias vividas e formar uma bonita e significativa colcha de retalhos, com lembranças faladas que fazem quem somos. Uma metodologia de se permitir passar por acontecimentos que marcaram e falar sobre eles diante da confecção da colcha de retalhos. Ela serve como fio condutor para diálogos, abrindo espaço para novos assuntos.

Realizamos uma roda dialógica pautada em Paulo Freire, para a realização da metodologia pedagógica colcha de retalhos, em que visa a escuta e a participação de todos, cada retalho representa uma história vivida, em que por meio de um círculo dialógico podemos externar até mesmo como forma de desabafar nossas pejejas cotidianas, em que tínhamos como objetivo tentar montar a colcha de retalhos, pensando

um pouco da nossa experiência da pandemia e como foi nossa travessia, do ensino remoto para o presencial.

A história tecida em retalhos é o anúncio de uma estrutura humanizante, o legado de Paulo Freire nos inspira a compreensão da humanização do ser humano, como processo de conscientização de ser histórico e inacabado. Ele nos inspira, ainda, a aprender a pensar a partir do vivido: retomar a trajetória pessoal e profissional para ampliar o alcance da Educação Estética aos educadores como processo de desenvolvimento da criatividade.

Organizamos alguns círculos dialógicos reunindo diferentes alunos e professores da UVA, em tempos diferentes. As narrativas tecidas nos retalhos da colcha, trazem histórias importantes sobre esse período, de modo especial. As narrativas aqui apresentadas fazem parte de um dos círculos, no qual participaram discentes do Curso de Pedagogia e professores(as) pesquisadores(as), os(as) quais serão tratados por suas iniciais.

### **Imagem 1- A colcha de retalhos formada com os retalhos dos participantes da roda**



Fonte: Arquivo das pesquisadoras

Com isso obtivemos reflexões muito importantes sobre como cada pessoa enfrentou nesse momento e o que foi vivido não será esquecido, e nem deixar de ter sido sofrido, mas o sofrimento passa. Como afirma uma professora em uma de suas falas na roda:

‘Todo sofrer passa, mas o ter sofrido não’ eu acho que é isso, muito representativo, o sofrimento passa, mas o ter sofrido não, porque deixam marcas né, mas aí a gente tem essa alegria de viver, acreditar, nós aprendemos inclusive aqui no círculo essas potências que a gente vai gerando que é o chamado esperar, nós acreditamos por isso que queremos lutar

pelo nosso país, mudar nossa realidade e ouvir das pessoas eu acho que é um bom começo, a gente escutando histórias, a gente começa inclusive a tirar a poeira que está debaixo do tapete [...] (M.I.S.S B.L, 2022)

Por meio de alguns relatos vimos sonhos que quase foram deixados para trás por causa da pandemia e suas consequências psicológicas principalmente, como relata uma acadêmica participante da roda:

Esse período e essas tantas perdas me fez pensar em desistir do curso [...] os sonhos que estavam escapando das minhas mãos, eu estava deixando voar porque eu ia trancar do curso, um dos meus grandes sonhos é me formar e esse sonho estava escapando de minhas mãos, aqui do outro lado tem a chuva, representa recomeço, a oportunidade de recomeçar, de trilhar novos caminhos de ter novas escolhas e oportunidades, representa também a gratidão por estarmos vivos, porque eu perdi pessoas muito importantes, mas há também a gratidão de estarmos aqui de continuarmos essa caminhada [...] (R.S, 2022)

Assim, como nas falas, a música esteve e está presente no cotidiano como forma de equilíbrio, alívio, a arte é capaz de nos salvar e a música tem esse poder, podemos citar aqui uma música dos Engenheiros do Hawaii em que falam “Somos o que podemos ser, sonhos que podemos ter” pois podemos continuar com nossos sonhos tentando correr atrás deles e não desistir pois eles fazem parte de quem nós somos e de quem podemos ser, pois nem sempre as coisas vão seguir o mesmo caminho, mas cabe a nós darmos sentido a essa continuidade.

As narrativas em suas dimensões escrita, pictórica e oral, produzidas por participantes da “Colcha de Retalhos” são tratadas como Documento Autobiográfico que permite a investigação de aspectos significativos para a ampliação da compreensão sobre a formação de professores e pesquisadores. A narrativa é construída por histórias individuais e coletivas, ou, a singularidade das histórias construídas no coletivo; a partir de um olhar particular, a produção dessas narrativas se transforma em Documento Autobiográfico. (ROSITO, SOUZA, 2020, p. 3)

A narrativa autobiográfica retratada através do método da colcha de retalhos consegue captar ao mesmo tempo em que o relato de experiência a emoção que aquele objeto traz. Nele contém mais que uma experiência, uma memória, um afeto e buscamos provocar e instigar a criatividade e a sensibilidade nos participantes através da narrativa de experiências pessoais e acadêmicas, ao longo da pandemia captando a emoção e a razão contidas naquele instrumento e naquela fala.

Nele também contém a subjetividade de cada participante do gosto ao desgosto, das dores e delícias de ser o que são e tudo isso que se constitui através da “estética” e da epistemologia do fazer pedagógico.

Freire (1996) explana como a autonomia pode ser desenvolvida. Isso ocorre por meio de um processo em que o sujeito é suscitado a fazer escolhas e a tomar decisões. A possibilidade de escolha está em o que revelar e o que guardar para si, abre-se espaço que envolvem a sua criatividade [...] (ROSITO; SOUZA, 2020, P.3)

Cada relato, contendo um recorte das histórias dos atores presentes naquela sala representa uma história de vida, um momento, uma realidade, pode-se perceber através das narrativas que participantes de um mesmo grupo podem ter muito em comum e, ao mesmo tempo, não ter nada de parecido, o quanto pessoas pertencentes ao mesmo curso podem ter rotinas totalmente diferentes, pensamentos, objetivos, sonhos.

Isso implica pensar o quanto cada ser é único e carrega imensidão dentro de si, mas, ao mesmo tempo, é pequeno e igual aos outros, tudo isso leva a refletir o momento em que essas histórias se cruzaram, pois dentre todas as possibilidades fomos parar no mesmo lugar, e fazemos parte do todo que nos cerca.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através da pesquisa nos dedicamos a entender os processos e subjetividades que estão ligados a formação universitária nos últimos anos, em como a pandemia afetou a relação com os estudos e os afetos juvenis que foram produzidos. Diante do que foi exposto abrimos espaço para uma escuta sensível por meio de coleta de dados e outras metodologias como a da “colcha de retalhos”, visando instigar as pessoas a se expressarem de forma oral, escrita ou pictórica. Para colaborar com a nossa pesquisa, mas também trazer reflexão e ajuda para esta classe que foi acometida de diversos sintomas e efeitos colaterais da pandemia.

É sabido que a crise sanitária trouxe muitos prejuízos à vida de muita gente, pois afetou não só a saúde como a Educação, aumentou as desigualdades sociais e o desemprego, e isso foi responsável pelo desânimo e interrupção dos estudos. Fora as perdas familiares e as sequelas da COVID-19.

Nosso estudo buscou compreender as diversas facetas que envolvem o ser universitário sob uma dimensão dialógica e humanitária a partir da escuta dos sujeitos sob a mediação da professora Isabel Linhares, e por meio de intervenções pedagógicas buscando sempre o respeito à subjetividade e as histórias de vida de cada um dos atores que colaboraram com esse processo que foi de fundamental importância para nossas pesquisas.

Compreender e fazer a escuta dos jovens universitários é muito importante, no sentido de entender o que os afetam e tiram o foco da permanência universitária, pois muitos jovens desistem no meio do caminho do curso deixando as universidades, entre tantas causas, o caminho talvez não faça mais sentido, a trajetória pode ter mudado, então preferem não permanecer mais no mesmo caminho, fazendo esse egresso de onde se encontravam. Torna-se relevante esse estudo acerca disso, trazendo mais empatia para o nosso ouvir desses relatos, histórias de vida.

Temos na pedagogia e seus métodos de intervenções pedagógicas justamente isso, a humanização e reconhecimento das batalhas que o outro enfrenta no seu dia a dia, fazendo assim a justificativa da permanência ou evasão universitária. Por meio do diálogo e da escuta, que compreendemos os outros e a nós mesmos, nos fortalecendo mentalmente, isso é dar significado a história das pessoas, sendo essencial em nossa existência.

## REFERÊNCIAS

BERKENBROCK-ROSITO, Margaréte May. O REGIME DA ESTETICIDADE EM FREIRE. **Debates em Educação**, v. 2, n. 3, 2010. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/61-Texto% 20do% 20 Artigo-284-1-10-20101025.pdf Acesso em: 21 de ago de 2022.

CARVALHO, Heline M. S. de. **Juventude Universitária em Tempos de Pandemia: afetabilidades e impactos durante o isolamento social até o retorno às aulas.** Monografia. (Curso de Pedagogia). Centro de Filosofia, Letras e Educação (CENFLE). Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Sobral – CE. p. 57. 2022.

CONSELHO NACIONAL DA JUVENTUDE (CONJUVE). Juventudes e a Pandemia do coronavírus. 2ª edição. Relatório Nacional – Maio de 2021. Disponível em: < <https://atlasdasjuventudes.com.br/juventudes-e-a-pandemia-do-coronavirus/>>. Acesso em: 04 maio 2022.

DA SILVA REIS, Graça Regina Franco. Colcha de retalhos, tecendo diálogos entre formação e experiência no município de Queimados. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, p. 19-19, 2012.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia da Esperança**; um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **A Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LINHARES, Maria Isabel Silva Bezerra. **JOVENS UNIVERSITÁRIOS E SEUS PROJETOS: caminhos cruzados, trajetórias e experiências subjetivas.** In: GT 53 – culturas juvenis, novas ocupações e percursos de inserção profissional, 2013.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (Orgs). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006

PAIS, José Machado. **As correntes teóricas da sociologia da juventude**. In: Culturas Juvenis. Lisboa: Imprensa Nacional, 1996.

\_\_\_\_\_. **Culturas Juvenis**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2003.

ROSITO, Margarét May; SOUZA, Juliana Paiva. **Documento autobiográfico: costuras estéticas nos processos narrativos da prática docente**. São Paulo: 2020.

SANTOS, Leticia Camilo. Impactos psicossociais do isolamento social por COVID-19 em crianças, adolescentes e jovens: scoping review. **Rev. Enferm.** UFSM – REUFSM Santa Maria, RS, v. 11, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/65407/pdf>. Acesso em: 10 maio de 2022.

SOUSA, Maria Leirislene de. **As políticas de incentivo à permanência dos jovens das classes populares na universidade: experiências e significados**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro De Ciências Humanas, Letras E Artes – CCHLA, Universidade Federal Da Paraíba – UFPB. João Pessoa-PB, p. 112. 2021.